

Indústria capixaba foi a que teve maior queda em um ano

A produção industrial do Espírito Santo caiu 3,8% no acumulado dos últimos 12 meses, sendo o pior resultado verificado pelo IBGE

Eliane Proscholdt

Com uma queda acumulada de 3,8% nos últimos 12 meses, o Espírito Santo foi o estado que teve a maior retração na produção industrial entre os 14 locais pesquisados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), seguido de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Analisando os dados, o diretor-executivo do Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial do Espírito Santo (Ideies), Antonio Fernando Doria Porto, destacou que o setor de metalurgia básica teve a maior queda, embora tenha observado que o declínio em 2013 foi maior do que neste ano:

“No Espírito Santo, aos poucos, você passa a ter uma recuperação no setor da indústria extrativa, principalmente puxado pela produção de petróleo e gás. A indústria de transformação, que compreende o setor de alimentos, celulose, metalurgia básica e minerais não metálicos, começou a ter uma recuperação até janeiro, mas passou a ter uma queda, principalmente por causa do setor de alimentos.”

O diretor-presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, José Edil Benedito, disse que o Estado segue o mesmo desempenho industrial do País nos últimos 12 meses.

“No caso do Espírito Santo, tivemos interrupção de algumas usinas e estabelecimentos entre 2012 e 2013. Também houve redução de ritmo no mercado exterior, e nossas empresas têm forte influência externa, o que afetou a base industrial.”

Ele disse que esse ritmo foi reduzido na indústria metalúrgica, mas esse padrão de comportamento se manteve estável a partir de janeiro. “Tanto é assim que



OPERÁRIO do setor de metalurgia básica, que teve a maior queda, apesar de a situação já ter sido pior em 2013

março e abril foram os meses em que se registrou números positivos da indústria geral no Espírito Santo, inclusive recuperação da perda na metalurgia no ano anterior.”

Considerando a passagem de abril para maio, o Espírito Santo (-1,4%) e outros seis estados — Amazonas (com queda de 9,7%), Bahia (-6,8%), Rio (-1,6%) além da região Nordeste (-4,5%), cujos dados são analisados em conjunto — registraram queda na produção.

No Espírito Santo percebeu-se um menor ritmo de produção no setor de celulose, papel e produtos de papel, segundo o IBGE, entre abril e maio deste ano.

A indústria extrativa mostrou um comportamento positivo entre abril e maio no Espírito Santo, em Minas Gerais e no Pará, influenciada principalmente pelo minério de ferro, segundo o IBGE.

Especialistas preveem reação



DORIA PORTO: melhora em agosto

Com um certo otimismo, especialistas acreditam que esse cenário de queda na produção industrial no Estado deve começar a mudar a partir do segundo semestre.

Foi citando os novos projetos que o diretor-executivo do Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial do Estado (Ideies), Antonio Fernando Doria Porto, disse que a tendência é de que a reação comece entre agosto e setembro:

“Acho que no segundo semestre vai ter uma certa recuperação, sim. Tem a Vale entrando com a Oitava Usina; a ArcelorMittal na área de metalurgia, que vai aumentar a produção; o estaleiro Jurong. Para-

Governo vai discutir com setor formas de ajudar

BRASÍLIA

Passada a Copa, 23 entidades empresariais deverão começar a ser chamadas, em grupos de quatro ou cinco, para discutir novas medidas de estímulo com os Ministérios da Fazenda e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

A ideia é prosseguir com as negociações que tiveram com a presidente Dilma Rousseff em reunião no Planalto, no mês passado.

Já naquela ocasião, foram atendidos pedidos da indústria, como tornar permanente a desoneração da folha salarial e retomar, também em caráter permanente, o Reintegra - que é um incentivo à exportação. Mas a presidente deixou claro que pretende discutir mais medidas, incluindo pleitos setoriais específicos.

Uma das medidas de curto prazo pleiteadas é a redução dos juros do Construcard, linha de crédito da Caixa para reforma e construção. Já o setor têxtil discute um regime tributário específico para as confecções, consideradas o elo mais frágil da cadeia produtiva, e pede o alongamento dos prazos de recolhimento dos tributos — desejo da indústria em geral.

lelo a isso, teremos o início de produção de maior valor agregado, como indústria automobilística, o setor naval e o setor de linha branca.”

Vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Lucas Izoton acredita que haverá leve recuperação: “A própria economia mundial, principalmente a China, apesar de estar com crescimento abaixo dos últimos anos, continua comprando, e isso pode melhorar o resultado do Estado.”

Lucas Izoton também falou sobre os tributos: “Mesmo com iniciativas tímidas de desoneração (redução de impostos), a arrecadação tributária continua muito alta.”

OS DADOS REGIONAIS

LOCAIS	VARIÇÃO (%)			
	MAIO 2014/ABRIL 2014	MAIO 2014/MAIO 2013	ACUMULADO JANEIRO-MAIO	ACUMULADO NOS ÚLTIMOS 12 MESES
Amazonas	-9,7	-5,8	4,5	6,1
Pará	4,2	36,3	18	8,8
Região Nordeste	-4,5	-2,1	1,6	2,2
Ceará	1,2	1,1	0	7
Pernambuco	-0,2	1,7	5,7	2,8
Bahia	-6,8	-6,6	-2,8	1,7
Minas Gerais	0,5	-4,1	0,2	-0,7
Espírito Santo	-1,4	0,3	-3,3	-3,8
Rio de Janeiro	-1,6	-7,9	-4,3	-2,3
São Paulo	1	-3,6	-4,7	-0,7
Paraná	1,1	-3,7	-1,7	1,9
Santa Catarina	0,3	0	0,1	1,6
Rio Grande do Sul	-1	-7,8	-2,5	3,9
Mato Grosso	-	0,9	2,2	4,6
Goiás	2,1	4,2	0,2	3,3
Brasil	-0,6	-3,2	-1,6	0,2

Fonte: IBGE.

ANÁLISE

“É importante trabalharmos outras alternativas”

A queda na economia do Estado está relacionada a fatores externos e internos. Temos como base fundamental da economia poucas e grandes empresas exportadoras de produtos com baixo valor agregado cujas vendas estão muito sujeitas ao que acontece lá fora.

Ou seja, a China reduziu o ritmo de crescimento de 13% para 7%, por isso, demanda menos minério e aço. A Europa ainda se recupera da crise de 2008, por isso precisa menos de celulose. E por aí vai. Ou seja, com a menor demanda, os preços de nossos produtos, basicamente primá-

rios, caem. Com a redução dessa produção, toda a cadeia produtiva desses setores sofre desaquecimento e, assim, o setor público arrecada menos impostos, o que reduz a capacidade de realizar obras públicas.

Isso tudo é agravado pela valorização do real que acaba encarecendo nosso produto lá fora, ocasionando a queda nas vendas. Com relação aos fatores internos, posso citar as mudanças no Fundap e a queda no preço do barril de petróleo.

Aliado a esses fatores, a política econômica equivocada do governo federal vem deixando o empresariado

recesoso para novos investimentos.

Por outro lado, é importante trabalharmos outras alternativas. Por exemplo, é fundamental que nossas obras públicas tenham mais agilidade, principalmente as de logística e transporte viário. E, ainda, cito que a premissa básica para criar um ambiente favorável aos negócios é o cumprimento de contratos firmados.

No médio prazo, é importante que o poder público continue criando um ambiente para atrair empresas de ponta, com produtos de alto valor agregado, com preços estáveis e menos suscetíveis a oscilações externas.”

Marcelo Loyola Fraga, economista e coordenador-geral da Faculdade Pio XII

